Perenidade On Line: Quando a Morte Não é o Fim de Tudo
Redes sociais, sites e aplicativos abrindo caminhos para a estética da imortalidade a partir de nossos rastros digitais[1]

Tatiana Anchieschi Gomes MAZZEI[2]
Universidade de São Paulo, São Paulo,SP

RESUMO

O advento da tecnologia possibilitou o surgimento de inúmeras e diferenciadas formas de comunicação online, algumas delas jamais imaginadas. Com isso, as redes sociais, sites e aplicativos passaram a ser um repositório de rastros digitais que indicam não somente nossos gostos, hábitos, atitudes e rede de relações pessoais, como também mantém muitas vezes conteúdos produzidos na internet e que, por não serem mais acessados, permanecem esquecidos ou perdidos no ciberespaço, o que acaba por propiciar o surgimento de empresas que utilizando-se de tal contexto criam formas de comunicação póstuma on-line.

PALAVRAS-CHAVE: redes sociais; estética; perenidade; rastros digitais; ciberespaço

1. Introdução

Por mais que alguns ainda tentem encarar o tema morte com certa naturalidade, é sabido que já há muito tempo, porque não dizer desde o surgimento da Civilização, esta possui em seu teor aspectos que ao mesmo tempo nos aterrorizam e nos fascinam.

Muito já se estudou a respeito, levantamentos históricos foram realizados, teóricos dissertaram sobre o assunto e, esse tema, que será sempre inesgotável, foi por inúmeras vezes fonte de inspiração para a Filosofia, a Antropologia, a Sociologia e claro, para a Teologia entre muitas outras disciplinas.

Muitas conclusões foram formuladas e junto destas vieram à tona todas as ansiedades, os medos, as angústias e os temores pelas quais o Homem passou e ainda passará. Abordar tal assunto, provoca desconforto, visto que apesar de sabermos que a morte é a única certeza da vida, o fato de pararmos para refletir que há sim, a finitude da existência, não desejamos assim reconhecê-la.

---

[1] Trabalho apresentado no DT 5 – Multimídia do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste será realizado de 3 a 5 de julho de 2013 na Universidade Estadual Paulista/UNESP em Bauru – SP.

[2] Mestranda do Programa de Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – ECA-USP. Docente da Universidade Anhembi Morumbi nas disciplinas Mídia, Planejamento de Mídia e Introdução a Publicidade e Propaganda. Email:tatianamazzei@usp.br

Já na Antiguidade, haviam diferenças na forma como tratar tal assunto. Enquanto na Mesopotâmia era costume enterrar cuidadosamente os mortos com a preocupação que estes levassem consigo todos os possíveis índices de sua personalidade, tais como objetos e roupas utilizados em vida e seus alimentos prediletos, já na sociedade hindu praticava-se a incineração crematória, privando o morto de todos os traços identitários que pudesse possuir, como forma de destruir assim também todos os seus pecados cometidos em vida. No entanto, o fato de utilizarem o mesmo ritual dos hindus – a incineração - para os gregos a forma como o luto era visto era completamente diverso. Ao contrario dos povos hindus que lançavam as cinzas ao vento ou as depositavam nos leitos dos rios, os gregos não as lançavam ao anonimato, mas sim as guardavam cuidadosamente em memoria de seus falecidos. Na verdade, aqui, neste momento é que de fato, ao serem levados à uma pira crematoria, aqueles que não fossem inseridos em uma vala comum, eram aí sim vistos como verdadeiros heróis, dignos de todas as honras possíveis, ou seja, ali naquele momento, a morte tomava feições de virtude e dignidade.

Enfim, podem passar os anos, que ainda assim o ser humano estará sempre em busca de algo que lhe conforte quando o assunto é a morte e isso se dá através dos preceitos de cada uma das diferentes religiões existentes. Onde no Judaísmo encara-se a vida como a formação de um conhecimento para um novo mundo, no Cristianismo crê-se na existência do céu e inferno, locais estes estipulados para a vida após a morte de acordo com os pecados terrenos cometidos. Nas religiões orientais, a morte é vista com outros olhos, de forma mais natural. Enquanto no Islã, a morte é encarada apenas como um próximo passo, onde todos retornarão sem defeitos, para o Budismo é praticamente uma dormência, um sono, uma letargia devido a ignorância humana e que mantém o homem preso a ciclos até a obtenção da chamada "Verdadeira Sabedoria" ou iluminação.

Todos estes ritos e rituais, nada mais são do que uma forma que a humanidade encontrou de amenizar à sua maneira, a dor e o sofrimento. Seja qual for o significado dado na acepção da palavra "morte", o importante é notarmos como tal paradigma tem sido modificado por décadas e com o advento da tecnologia e principalmente da internet isso fica cada vez mais aparente . Antes a morte ocorria dentro das residências, depois passou a acontecer em instituições hospitalares e hoje em dia é possível estarmos em

outro local do mundo e ainda assim, quando necessário, acompanharmos um velório on-line ou deixarmos registrada uma condolência virtual.

2. O Ser Humano e o Temor do Inesperado

É certo que o sofrimento pela morte de alguém que nos é próximo é parte integrante da condição humana, mas serve-nos também como forma de reflexão e o mais impressionante é que com o passar dos anos, esta tem tomado cada vez mais características práticas, ou seja, hoje, tem se tornado possível discordar de pensadores como Pascal que refletiu sobre esta dizendo: *"Os homens, como não puderam substituir a morte, tiveram a audácia de não pensarem nela"* ou Stendhal, que escreveu *"....uma vez qua a morte é inevitável, esqueçamo-la…",* isso porque apesar de todos os ritos e rituais culturais que a sociedade moderna ainda realiza, a morte acabou por exigir dos indivíduos cada vez mais providencias práticas e de maneira ágil. Basta que pra isso note-se o quanto a morte é uma maneira de desorganizar culturalmente a sociedade, até onde o luto em si, deve ser cada vez mais efêmero e de maneira indolor, reduzindo a quase nada seu valor simbólico. Rituais são desqualificados e desvalorizados a partir do momento em que por exemplo não mais se utiliza o preto como significado da morte, os conhecidos por vezes se reúnem ao redor do falecido para contar amenidades do seu dia-a-dia e isso acaba por nos fazer refletir que talvez as pessoas não estejam conseguindo mais vivenciar o fator morte.

Esta é cada vez mais um ritual coletivo, onde são expostos na mídia todos os detalhes que levam a comoção a grande massa, onde nas redes sociais, pessoas que nunca conviveram com alguém, ao saber de seu falecimento de modo drástico, acabam por deixar mensagens de pesar, além de muitas outras que, por curiosidade mórbida, retornam aos perfis de pessoas falecidas, ainda mantidos on-line, chamados "rastros digitais". Os rastros por vezes ocorrem ou por desconhecimento dos familiares da existência destes ou pela impossibilidade técnica de deletá-los, algo muitas vezes imposto ou dificultado por empresas que monitoram as redes sociais.

Pensando bem, os fatos históricos e culturais ao redor da morte, permitiram ao Homem ter certo controle em relação a quais os eventos que seriam os provocadores do fim da vida. Porém, a partir do surgimento da peste na Idade Média, tudo aquilo que antes poderia fazer certo sentido, perde o valor diante da constante ameaça do inesperado. Este temor pelo inesperado, assim como a falta de controle, trouxe à

humanidade, o temor da morte e tudo o que dela advém. Se não fosse assim, não teríamos nos dias atuais, tantos produtos e serviços sendo oferecidos, tais como seguros de vida e compra de jazigos como forma de precaução a um falecimento.

Kübler-Ross (1997) ao descrever as velozes mudanças sociais expressas pelos avanços tecnológicos, nos fez repensar o homem como um ser cada vez mais individualista, e menos preocupado com a comunidade e isso acabou por surtir efeito também na maneira como lidamos com a morte nos dias de hoje.

Atualmente somos lembrados da iminência de uma guerra, da possibilidade de um atentado terrorista, ou da explosão de uma bomba nuclear, além disso, o aumento da violência nas grandes metrópoles torna cada vez mais próxima a idéia de descontrole sobre a vida. E assim, a reflexão que até então era somente sobre a morte, passa a ser também sobre a vida. Uma não mais coexiste sem a outra, fazendo-nos questionar não mais a morte, mas sim nossas atitudes para com esta.

3. Os Rastros Digitais e a Busca pela Perenidade OnLine

Somos obrigados desde de muito cedo a nos separar de coisas que nos dão prazer: o seio materno, a chupeta, o cãozinho que adoeceu, a mudança de escola, até que um dia alguém que nos é muito importante vai embora pra sempre e isso nos afeta de maneira significativa. Hoje a morte do outro parece ter maior importância do que a nossa própria, pois quanto a esta última, a tecnologia vem nos permitindo certo controle. E como isto é possível? De que maneira ocorre?

Como a frase enunciada por Torres (1983) para explicar a visão da Psicanálise Existencial*:"... o medo da morte é o medo básico e ao mesmo tempo fonte de todas as nossas realizações: tudo aquilo que fazemos é para transcender a morte."* E é justamente pensando nesse receio que inúmeras redes socias e empresas criaram serviços para aqueles que buscam deixar rastros digitais de maneira proposital, seja em forma de videos e mensagens póstumas para serem entregues a entes queridos após seu falecimento, ou seja para minimizar a dor dos parentes, informando de maneira prática e didática normas, senhas e procedimentos para acesso a documentos importantes.

É impressionante a quantidade de serviços oferecidos, o que nos faz pensar que Edgar Morin estava certo quando mencionou a inseparabilidade dos laços que unem a vida e a morte: *"A morte não tem, pois, de ser teratologicamente separada da vida" (MORIN: 1970, p. 273).* O uso em massa das redes sociais, inclui aí também a

problemática crescente de pessoas que não mais estão vivas. Quantos de nós, já não notou que a morte de um usuário não quer dizer sua imediata morte também digital? Muito pelo contrario, o que notamos é que em seu perfil acabam por constar condolências virtuais e partilhamento de memórias durante um bom tempo.

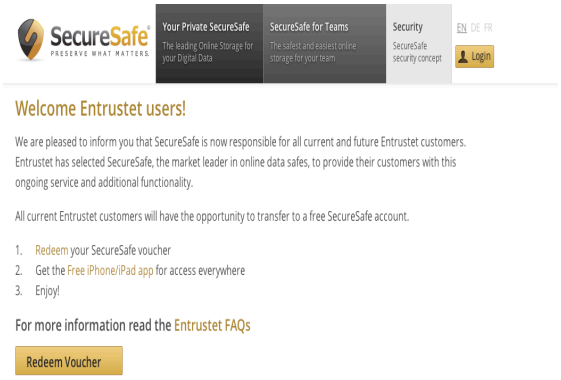
Algo que nos faz questionar três dos temas amplamente discutidos pelos estudiosos das redes sociais: a personificação (onde os corpos humanos são assim representados digitalmente e envolve questões como acesso e propriedade, presença,etc.,), a representação (que tem a ver com as questões de identidade propriamente dita, o perfil, sua forma de apresentação ao mundo on-line, etc.) e por fim a temporalidade (relacionada ao chamado "ciclo de vida", que porem não é de todo desenvolvido, visto que não leva muitas vezes em consideração os perfis de usuários já falecidos).

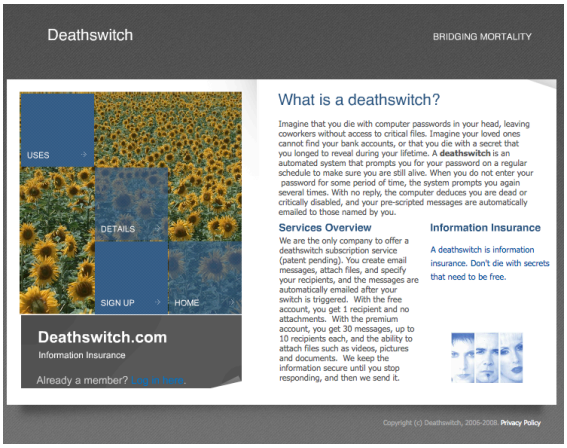
Para muitos, não há a preocupação do que ocorrerá com os próprios bens materiais, em especial os jovens. O que dirá então dos rastros e ativos digitais? Tal questão tem se tornado tão importante que legisladores e advogados têem lidado com questões como: O que fazer com os rastros digitais após a morte? Permitir ou não o acesso da família? Tais indagações advém justamente de ser por demais doloroso e complicado lidar com fotos e lembranças de entes queridos, mas principalmente pelo fato das leis de privacidade, além do fato de poder ocorrer uma atualização online de status do próprio "falecido".

O surgimento de empresas que se preocupam com o monitoramento pós-vida, se deu justamente ao notarem que redes sociais como Facebook e Twitter, não permitiriam facilmente acesso a conta de uma pessoa falecida, justamente em função da tal lei de privacidade, algo que só seria concedido a família via caminhos judiciais, o que poderia ser bem demorado. Porém, mesmo estas redes sociais, ao tomarem conhecimento do falecimento do usuário, ainda que não permitam o cancelamento de seu perfil pela família, tomam alguns cuidados enquanto o perfil estiver ativo, tais como: não são aceitos novos usuários, ninguém acessa a conta, pode-se compartilhar memórias , porém não há a sugestão de novos amigos por razões óbvias.

Com o crescimento da população que tem acesso a mecanismos digitais como smartphones, tablets, laptos, fica evidente que empresas que prestem serviços que permitam o controle sobre os ativos e rastros digitais serão cada vez mais utilizadas. Ou seja, aqueles que são preocupados com a privacidade em vida, poderão fazê-lo também na morte, por mais estranho que isso possa parecer.

Para isso existem sites como o *Entrustet* associado ao *SecureSafe,* o *AssetLock*, o *DeathSwitch* e o *Legacy Locker*, serviços pagos ou gratuitos que permitem que sejam designar herdeiros digitais responsáveis pela realização dos últimos desejos do usuário falecido, sobre qual será o fim dado aos seus ativos digitais, incluindo redes sociais, contas financeiras, blogs, e-mails e outras propriedades da Internet ou arquivos.

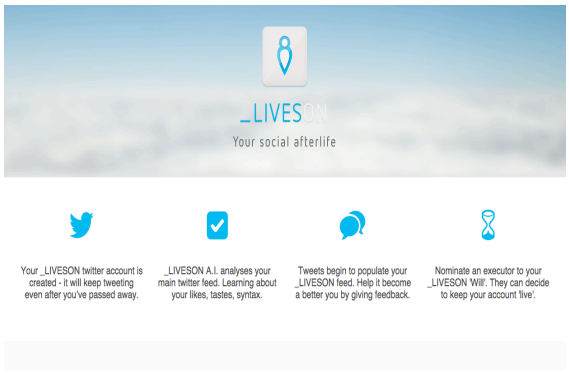


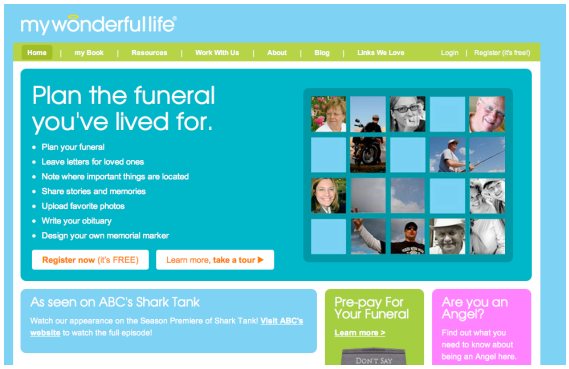


Além destes já mencionados, há também o *After Steps*, site mais direcionado para homens de negócios ou que possuem a vida muito atribulada e que, na sua ausência, desejam dar instruções aos tutores por ele selecionados, quanto ao rumo de seus negócios, vida financeira e até mesmo planejamentos relacionados a logística, no caso de sua morte.

Existem ainda, por mais bizarro que isso possa parecer, sites e aplicativos que permitem que qualquer pessoa programe publicações póstumas no Facebook ou no Twitter que pasmem, podem ser entregues continuamente durante anos, dependendo das atividades estipuladas quando em vida. Algo como o já visto no filme P.S: Eu te amo.

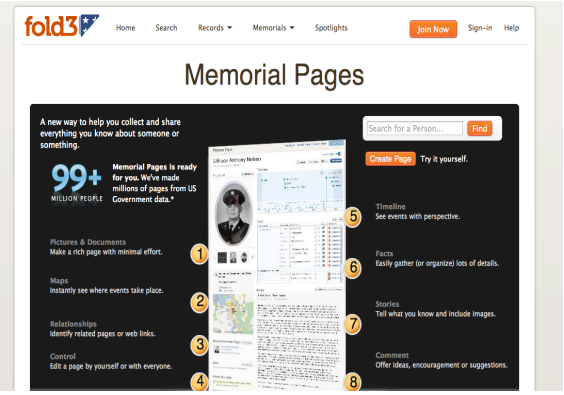
São eles o "*If I Die*" ("Se eu morrer"), "*My Wonderful Life*", "*Lives On*"e o "*Deadsoci.al*" ("morte social"). Todos funcionam da mesma maneira: baixa-se o aplicativo gratuitamente ou registra-se o login no site e o usuário pode desta maneira executar inúmeras atividades: desde planejar seu funeral, escrever seu obituário, até deixar gravados vídeos, fotos, mensagens e até mesmo atualizações de status que, após a sua morte, serão publicados em seu mural ou enviados a amigos. Neste caso é necessário também a nomeação de três responsáveis que irão confirmar o falecimento para que o esquema possa entrar em funcionamento.

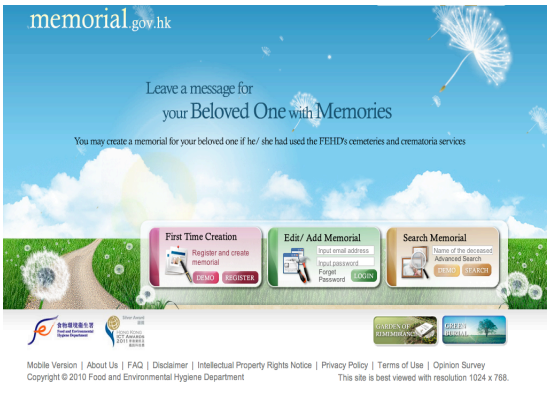




Porém, para aliviar a morbidez de algumas destas redes sociais, aplicativos e sites, há opções "mais leves" em forma de memoriais, onde os parentes e amigos da pessoa que faleceu, podem deixar mensagens, depoimentos e compartilhar fotos, tais como o *Respectance, o Memorial Pages, o Legacy.com, o Memorial.gov.hk.* Estes serviços utilizam-se também do chamado colaborativismo, visto que é permitido, além do envio

de antigas fotografias, compartilhar histórias e criar, de maneira grupal, uma linha do tempo permitindo inclusive interligar perfis, detalhando os graus de ligação entre os membros da rede. No entanto, apesar de ser um memorial, ainda assim não garante a perenidade de tudo ali exposto, visto que esse modelo torna-se questionável, por estar hospedado na web, algo que não garante sua permanência.





Muitos estudiosos vêm estes tipos de redes sociais e sites como algo doentio e narcisista, visto que assim, permite ao ser humano acreditar em sua imortalidade, ou seja, é uma maneira encontrada para não deixar que os outros nos enterrem nunca, uma forma de estar eternamente como objeto de devoção dos entes queridos, sem permitir a estes, que vivenciem seus rituais de despedida. No entanto, não há como negar o crescimento cada vez mais eminente das chamadas “heranças digitais". Ainda é muito cedo para afirmar quais serão os verdadeiros impactos desse tipo de serviços sobre o processo de luto, pois ao mesmo tempo em que pode vir a amenizar a dor de parentes e amigos, pode dar às pessoas, nomeadas como tutores, um poder de decidir e escrever mensagens artificiais em nome do falecido, o que pode causar inúmeros problemas.

Isso é algo que em outros tempos jamais imaginou-se: as mídias sociais são a primeira entidade a permitir a vida após a morte e ter prova concretas de tal fato. Nessa batalha,

o que nota-se é que o controle de contas, a seleção de aplicativos e sites que permitam ser veículos de comunicação após a morte, está criando sim problemas interessantes quanto a manutenção ou não das propriedades digitais, além do surgimento de soluções igualmente intrigantes.

Em suma, pouco importa o que você fará com o seu legado digital, a lição que se tira disso tudo é que devemos pensar a respeito. Ao que parece, José Saramago estava certo, quando já em 2005, ao lançar seu romance "Intermitências da Morte", escreveu:

> *"No dia seguinte ninguém morreu. O facto, por absolutamente contrário às normas da vida, causou nos espíritos uma perturbação enorme, efeito em todos os aspectos justificado, basta que nos lembremos de que não havia notícia nos quarenta volumes da história universal, nem ao menos um caso para amostra, de ter alguma vez ocorrido fenómeno semelhante, passar-se um dia completo, com todas as suas pródigas vinte e quatro horas, contadas entre diurnas e nocturnas, matutinas e vespertinas, sem que tivesse sucedido um falecimento por doença, uma queda mortal, um suicídio levado a bom fim, nada de nada, pela palavra nada.* (SARAMAGO: 2005, p.11)".

Ou seja, através de seu ludismo bem-humorado, nos lembra a todo momento de que apesar da certeza inexorável da morte, o ser humano tenta afastá-la de todas as maneiras que lhe forem possíveis e esta está acontecendo de maneira digital.

REFERÊNCIAS

AFTERSTEPS. Disponível em: < https://www.aftersteps.com/ > Acessado em 20 de abril de 2013

ASSETLOCK. Disponível em: < http://www.assetlock.net > Acessado em 20 de abril de 2013

BRASIL ESCOLA. **Estudo Teórico da Morte.** Disponível em: <http://www.brasilescola.com/psicologia/estudo-teorico-morte.htm> Acessado em 20 abril 2013

CANASTRA, Cilena do Céu Castro. **A morte: Abordagem Interdisciplinar**. Dissertação de Mestrado em Bioética Teológica. Universidade Católica Portuguesa – Faculdade de Teologia do Porto. Documento on line: https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/5757/3/Tese%20final%20final.pdf

COLDWELL, Will. **Why death is not the end of your social media life.** Matéria publicada pelo jornal The Guardian em 18 de fevereiro de 2013. Documento on line: http://www.guardian.co.uk/media/shortcuts/2013/feb/18/death-social-media-liveson-deadsocial

DEAD SOCIAL. Disponível em: < http://www.deadsoci.al > Acessado em 28 de março de 2013

ENTRUSTED AND SECURESAFE. Disponível em: <http://www.securesafe.com/en/partners/entrustet.html > Acessado em 20 abril 2013

IF I DIE. Disponível em: < http://ifdie.net > Acessado em 13 de março de 2013

LEGACY.COM. Disponível em: < http://www.legacy.com/NS/ > Acessado em 14 de março de 2013

LEGACY LOCKER. Disponível em: <http://legacylocker.com> Acessado em 23 abril 2013

LIVESON. Disponível em: < http://www.liveson.org > Acessado em 20 de abril de 2013

MEMORIAL.GOV.HK. Disponível em: < https://www.memorial.gov.hk/Default.aspx > Acessado em 14 de março de 2013

MEMORIAL PAGES. Disponível em: < http://www.fold3.com/pages// > Acessado em 14 de março de 2013

MY WONDERFUL LIFE. Disponível em: < https://www.mywonderfullife.com > Acessado em 17 de abril de 2013

MORIN, Edgar. **O Homem e a morte**. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1997

RESPECTANCE. Disponível em: < http://www.respectance.com > Acessado em 14 de março de 2013

SARAMAGO, José. **Intermitências da morte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SOCIAL AND TECHNOLOGICAL ACTION RESEARCH (STAR). **Death and the Social Network.** Pesquisadores: Jed Brubaker, Janet Vertesti, Paul Dourish, and Gillian Hayes. Documento on line: http://www.star-uci.org/2010/07/02/death-and-the-social-network/

SWALLOW, Erica. **7 Resources for Handling Digital Life After Death. Matéria** publicada no site Mashable em 11 de outubro de 2010. Documento On line:

http://mashable.com/2010/10/11/social-media-after-death/

TABIBI, Pedram. **Social media lives on after death.** Matéria publicada no site Libn.com em 03 de março de 2013. Documento on line: http://libn.com/youngisland/2013/03/01/how-your-social-media-and-digital-assets-can-pass-on-after-death/

WOLFF, Meghan. TECHCITEMENT. **Your Digital Legacy: Life After Death?** Matéria publicada em 29 de março de 2012. Documento on line: http://techcitement.com/internet-2/webapps/your-digital-legacy-life-after-death/#.UYR4p5Wo5UQ